

“Cinco ou seis dias”: os sonhos e as superfícies de uma geração

Gabriel Lacerda de Resende
Pedro Felipe Moura de Araújo

A psicologia é somente uma fina película na superfície do mundo ético no qual o homem moderno busca sua verdade – e a perde.
Michel Foucault

1.

A euforia de um grupo de amigos celebrando mais um réveillon, a renovação da aposta anual de que dali em diante tudo seria melhor, porque tudo só dependia da afirmação daquele amor gratuito e grandioso, tudo só dependia da aposta indefectível no brilho daquela geração; uma juventude que desabrocha em meio aos encontros suscitados pela vida universitária, à experimentação do amor, à descoberta da política, do esforço de transformação urgente e necessário que a realidade exigia; a amizade entre dois psicólogos recém-formados, abalada pela encruzilhada entre a adesão ao lucrativo receituário capitalístico e a persistência na tarefa de construir outro mundo que era, sim, possível, tinha de ser.

Essas são algumas das imagens panorâmicas que povoam *Cinco ou seis dias*, de Danichi Hausen Mizoguchi, professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, cuja obra já produz ecos na academia há algum tempo, e que agora faz sua primeira incursão no universo ficcional. O romance apresenta a história de dois amigos, Dante e João, que se conhecem numa faculdade privada de psicologia em Porto Alegre, em meados da primeira década dos anos 2000. Do ponto de vista espaço-temporal, isso implica situar a trama no governo Lula, numa capital que teve 16 anos ininterruptos de governo municipal do Partido dos Trabalhadores e que hospedou quatro das cinco primeiras edições do Fórum Social Mundial.

O cenário político-afetivo em que os dois amigos se encontram é o *leitmotif* da narrativa e se apresenta de modo fragmentário, como talvez seja mesmo a compreensão da política acontecendo: por seus rastros e efeitos nos discursos, nas imagens que nos

assombram. As memórias da formação em psicologia, das festas e utopias universitárias, dos encontros com a cidade - as muitas cidades que cabem em uma só, espanta-se Dante -, das críticas ao capitalismo, dos amigos, das experimentações com o sexo e com as drogas, de como eram e o que idealizavam tornar-se são apresentados na obra em retrospectiva: no presente da trama, tanto João como Dante já estão formados e sem rumo profissional definido, tendo Dante recebido um convite de seus antigos colegas de colégio, dos quais se afastara justamente pelo frescor do mundo que se descortinava na universidade. Vitaminados pelo empreendedorismo, eles convocam o jovem psicólogo para ingressar em um novo negócio, uma espécie de *start-up* em que os conhecimentos psicológicos seriam fundamentais para capitalizar o produto. Aderindo à superfície lisa das demandas neoliberais, a empresa só vingaria se estivesse fundada em uma leitura fina das modulações do desejo e da subjetividade.

É este convite que dispara o arco dramático: como se posicionar entre as utopias por um mundo mais coletivo e comunitário frente a seduções de estabilidade e realização individual? Entre negar e acreditar, como se mover nos cercos e superfícies do capital onde tudo desliza e tudo é desejo? O conflito vai se tornando mais evidente à medida que o leitor acessa a construção da amizade de Dante e João, desde o primeiro dia na universidade, durante a apresentação da turma numa aula de Análise Experimental do Comportamento, em que os calouros elencam os motivos que os levaram a escolher aquela formação. Dante, filho de um empresário bem-sucedido do ramo de calçados, não tem muito o que dizer sobre seus interesses em Psicologia, revelando ao leitor que suas motivações iniciais situavam-se no âmbito da comodidade acadêmica e da majoritária presença de mulheres no curso; já João, filho de pais que haviam se implicado na contracultura e na luta pela redemocratização do país, revela que optara pelo curso “porque Jim Morrison gostava de Psicologia”, enumerando uma série de referências psicodélicas e “astrais”, lembrando Charles Baudelaire e o ópio, as portas da percepção de Aldous Huxley, a “eternidade em um grão de areia” de William Blake.

Encantado por aquilo que nunca fizera parte de seu cotidiano na burguesia portoalegrense, Dante não demora em afiliar-se a uma perspectiva crítico-artística da psicologia, compreendendo desde o primeiro semestre os perigos do “exercício da norma, da moral e do controle” na profissão e tentando criar uma direção ética para o “papel de um profissional da Psicologia frente às demandas atuais do capitalismo neoliberal”. Se para João isso era como que o corolário de sua criação, de uma infância povoada pelas imagens do engajamento político dos pais, para Dante era “um encantamento veloz, [...]

uma abertura de vida que nunca tinha imaginado e que nem sabia bem explicar". É esta espécie de pacto não declarado que sela a amizade de Dante e João: duas infâncias muito distintas, dois filhos de um mesmo Brasil fraturado, impelidos a encontrar, nessa distância, a tarefa histórica de sua geração. O abismo que os divide, então, é o mesmo que os cerca. Aceitar ou recusar o convite dos colegas de colégio não é mera opção profissional de Dante, mas a renovação ou o rompimento da aposta no mundo que deveriam construir juntos.

2.

É nesse sentido que se pode dizer que Dante e João são como lentes de aumento para os périplos afetivos e políticos de uma geração localizada num impasse: nascidos em meio ao que Francis Fukuyama chamou "o fim da história" - a confirmação do capitalismo liberal como força-motriz da humanidade, a partir das ruínas do fascismo e do socialismo -, se veem agora instadas a imaginar seu próprio sonho, suas próprias promessas. Trata-se, então, de um livro sobre uma geração que deve fazer - como toda geração - a história de seu presente, no conflito entre sua herança e "tudo que ela pode ser", nos permitindo aqui a paráfrase da canção do Clube da Esquina. Aliás, a relação de suas personagens a partir de canções, livros, acontecimentos históricos, ícones, gírias e lugares portoalegrenses são a primeira qualidade narrativa que salta aos olhos no romance: o autor nos lembra que o retrato de uma geração não se faz sem escrutinar sua ressonância em meio aos objetos, sensibilidades, afetos e percepções do tempo que lhe coube viver, seu modo particular de apreendê-los.

"Tudo o que escrevi foi uma carta de amor ou de despedida à minha geração", diz o escritor chileno Roberto Bolaño, epigrafeado nas páginas de Danichi. Como fazer jus àquilo que da geração pregressa nos inquire? Poderia o amor tornar-se um modo de se despedir? Não gratuitamente, outra epígrafe da obra é do filósofo alemão Walter Benjamin, um escritor que de modo tanto explícito quanto enigmático pôs uma lupa nos conflitos concernentes à transmissibilidade da história, dilapidando nos ruídos comunicacionais entre tradição e modernidade um objeto filosófico, ou, melhor dizendo, uma "imagem de pensamento": o que nos separa de nosso passado? Como usar as imagens do passado para o enfrentamento dos perigos de nosso presente? Com a citação benjaminiana, Danichi nos lembra que o passado, mesmo que fragilmente - e aí reside sua força -, nos lança um apelo, que não pode ser ignorado sem que algo nos custe.

3.

Em certo momento da narrativa, João, depois de ter passado por um longo inverno, lança seu corpo em uma experiência radical de alteridade; um gesto de saúde, de liberdade, de afirmação da vida, uma saúde, uma liberdade e uma vida que nada tinham a ver com a conformação capitalística desses conceitos, com a redução da vida à carreira e à família, da liberdade à onipotência do indivíduo, da saúde ao receituário biomédico, como ele e Dante aprenderam na faculdade.

Num encontro com os colegas, felizes de vê-lo solar novamente, João pergunta se estes sabiam o que é a "tensão superficial da água". Diante da negativa, ele explica que "é aquilo que faz com que se forme uma película fina na superfície da água ou de qualquer outro líquido, uma coisinha bem fininha, uma camadinha de nada, mas que meio que segura a água, tá ligado?, é tipo um limite que dá forma à água, e que tinha perguntado se eles sabiam o que era porque sentia que estava preso por uma coisa parecida com essa, que queria sair fora, que queria arrebentar, que queria estourar, que queria vazar e não conseguia, que era meio que uma água presa à própria forma, e que isso era muito angustiante, mas quando percebeu que o que prendia ele nesse forma era uma parada bem fininha, só uma película, só uma camadinha de nada, que não era um bicho de sete cabeças, quando se deu conta disso não foi difícil sair, e saiu mesmo".

Embora a explicação de João se refira a um episódio específico, vivenciado por ele - e que será central à narrativa -, ela traz à baila dois elementos que atravessam todo o livro. Tensão e superfície estão colocados, a todo momento, como dínamos deste romance, ora articulados, ora separadamente. A primeira, aliás, já se apresenta ao leitor desde as primeiras páginas, através do ritmo espiralado, como bem definiu a jornalista Letícia González na contracapa.

Pode-se encontrar a ideia de superfície em uma variedade de movimentos encenados por *Cinco ou seis dias*. Ela está, é claro, no gesto metaforizado por João: como as personagens encontram seu lugar no mundo, desfazendo e refazendo as costuras que as prendem a sua época, abrindo-se ou fechando-se ao mundo que as cerca? Na já mencionada primeira qualidade do romance, temos a descrição de uma superfície sensível: uma geração em formação chega até o leitor através daquilo que se inscreve em seus corpos, com todo o campo de intensidades constituído por suas referências musicais, políticas, iconográficas, suas experimentações.... De igual maneira, e num desdobramento das duas anteriores, o livro fala da superfície - tensa - de contato entre duas gerações: o

que as une, o que as separa? O que se pode fazer para que a herança do passado não seja um fardo, mas um apelo que inquiria o presente?

Mas talvez o modo mais eloquente com que este tema aparece na história esteja na descrição sensível de uma superfície histórica e política - a nossa - em que desejo e capital fluem lado a lado, a toda velocidade. Pela trajetória pregressa do autor, seria cômodo encarar *Cinco ou seis dias* como um “romance acadêmico”; no entanto, a riqueza dessa descrição não está em qualquer recurso a filosofemas ou erudição, mas no apuro narrativo demonstrado por Danichi Mizoguchi. Os dilemas vividos por Dante e João não são preenchidos por grandes análises psicológicas ou por uma moralidade pedagogizante quanto a seus posicionamentos ético-políticos - embora o leitor possa se identificar com um ou com outro a partir de suas próprias convicções; como opostos complementares, eles performatizam as seduções e as capturas das utopias, e as tentativas por vezes desesperadas de encontrar alguma alternativa de vida fora do jogo biopolítico do capital.

4.

Nesta chave, talvez Dante veja com bons olhos a proposta dos antigos colegas não por vilania, mas por não conseguir identificar, naquilo que ele acredita ser a atualização das utopias passadas para o mundo hiperconectado e fluido das redes - "um mundo melhor a partir das bordas do sistema, um mundo sem centro, um mundo onde coubessem todas as vidas" - a exata falência dessas utopias, agora tornadas mercadorias. É este mundo que a empresa nomeada a partir de sua sugestão, "The edge paradise, o paraíso na borda, o paraíso limiar", ajudaria a mudar, através da oferta de produtos que são "organismos vivos que devem substituir o individualismo pelo cooperativismo, a padronização pela pluralidade étnica, religiosa e cultural": fórmulas e ditames que todos reconhecemos na boca dos mais variados *coaches* e *digital influencers*. Na superfície lisa do capital, Dante vê com entusiasmo os motes revolucionários que aprendeu a admirar deslizarem até se tornarem *slogans* de sua empresa: era assim que aquela geração ia construir um mundo melhor. Sinal de maturidade, a metamorfose lenta de um sonho ou o incansável exercício de fênix do capital?

João, por outro lado, aferra-se a suas convicções - já sem saber se elas eram efetivamente suas -, abismado com a violenta velocidade do mundo, com a rendição do melhor amigo. Ele, que sempre fora o ás da turma, o mais inteligente, o mais singular, tenta encontrar uma saída, *um pouco de possível*, espremido entre a melancolia e a revolta com que assistia ao ocaso de sua amizade, de sua geração, de sua tarefa histórica. Isso só

se tornaria possível ao largar as garantias, experimentar uma outra forma de vida, deixar o passado e os privilégios para trás e ir ao encontro de experiências radicais de alteridade.

A sagacidade do autor, a partir de João, é também fazer ver que mesmo uma aposta “franciscana” no trato com a realidade é corrompida e capturável, possível produto. Nos últimos 20 anos, nas raias do neoliberalismo, escassez e precariedade caminham para uma ideia de sucesso: esvaziar-se é ter um *mindset* evoluído, não ir além do suficiente, é *clean* e minimalista; iluminar lugares ermos da cidade pode ser *cool*, abandonar e praguejar “contra-tudo-que-está-aí” é um charme rentável para quem decida viver de contar sobre sua fuga nas bordas. A aposta ética de habitar o lugar do “qualquer um” transmuta-se em visibilidade, em oportunidade de ser o único, de abrir caminhos alternativos para as utopias cansadas. João faz jus ao sonho, o ultrapassa ou o extingue? O abismo nos cerca.

Em um momento tenso entre os protagonistas da narrativa, Dante “queria saber o que João achava que era ser de esquerda hoje”, dizendo que “agora era a hora do proletariado criativo, da cooperação (...) era o momento de disputar o sentido”. João retruca ao companheiro de geração que “se ser de esquerda é isso, e se não desistir da luta é isso, e se invadir a máquina é isso, por que tu não faz com que tua conta bancária seja pública também?”. Na mesma cena, Maria, ex-namorada de João e amiga de ambos, interroga João em sua posição de “bonzão, de herói da geração, de salvador da pátria, de perfeitinho” e diz que “sabia que ele se excitava com as lágrimas dela (...) e que também era estranho que essa singularidade toda que ele tanto exaltava nele mesmo coubesse em alguém que sempre gostou de gurias com uma beleza óbvia, dentro da norma”. Na tentativa de materializar os ideais em experiências concretas e encarar as vulnerabilidades de nossa economia política com seu corpo, o desassossego de João não encontrará redenção nos embates com a viscosidade das “superficialidades burguesas” que vez por outra lhe assombram.

5.

Para Walter Benjamin, o sonho do poeta Charles Baudelaire era o “de ser embalado entre os extremos, como é privilégio dos barcos”. Nesta imagem evocada pelo filósofo berlinense, se reuniriam “o homem, a grandeza e o desprendimento”, elementos que teriam regido a experiência de Baudelaire, a qual decifrou nomeando-a “modernidade” (BENJAMIN, 2017, p. 96). Se, como lembra uma voz no início da trama - quando as personagens ainda não têm nome, quando o que fala é o rumor entusiasmado de uma geração -, o escritor Roberto Bolaño fora liberado dos porões da ditadura chilena

por ex-colegas de colégio, carcereiros que agora trajavam orgulhosos um verde-oliva manchado de sangue, Dante talvez tenha se deslumbrado com a ausência de grades na prisão para a qual fora convocado por seus ex-colegas de colégio.

Num texto quase premonitório, estranha celebração do 1º de maio de 1990, Gilles Deleuze se interrogava sobre as formas de servidão que as modulações do capital maquinavam, bem como a necessidade de cunhar novas estratégias de resistência: "Será que já se pode apreender esboços dessas formas por vir, capazes de combater as alegrias do marketing? Muitos jovens pedem estranhamente para serem "motivados" [...]; cabe a eles descobrir a que estão sendo levados a servir, assim como seus antecessores descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas" (DELEUZE, 2008, p. 225-226). Gesto dirigido ao futuro, anúncio do que nos aguardava na esquina dos séculos - daí o espanto que o texto causa por sua atualidade mais de trinta anos depois.

Em *Cinco ou seis dias*, Danichi Hausen Mizoguchi parece tanto tomar as rédeas como despedir-se - não sem ambiguidades - dos impasses políticos e afetivos da geração que atravessou; gesto de amor àquele sonho que "foi demanhando, dessolvindo, vindo, vindo, dissolvendo a noite na boca do dia" como cantou Gilberto Gil num nem tão distante 1972. Gesto dirigido ao passado, talvez dissesse o leitor que aí enxerga o diagnóstico do fracasso, do fim da história. Mas exatamente por pressentir nesse passado aqueles apelos que não podem ser rejeitados impunemente, o autor os recolhe numa garrafa, lançada ao mar de nosso presente. A mesma tensão superficial que o conforma manterá essa carta de amor ou de despedida flutuando, movendo-se "sob o livre céu da história" (BENJAMIN, 1985, p. 230), à espera dos leitores que nela saibam reconhecer os restos de um passado ainda por redimir, de um mundo ainda por fazer.

Referências

- BENJAMIN, W. Sobre o conceito da história. Em: BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas*. v. I: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, W. *Baudelaire e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. Em: DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2008.